

“DEUS NA ANTECÂMARA”: O NIILISMO DE NIETZSCHE EM ANA CRISTINA CESAR

Glenda Yasmin S. da Silva (PG-UEMS)

RESUMO

Em um mundo fragmentado, no qual os alicerces foram derrubados, a fé foi perdida e não há mais salvação ou perspectivas, o sujeito também perderá a fé e a vontade, porque não há motivação. Os anos de ditadura militar no Brasil representam bem esse tempo caótico. Neles, a produção literária que discordava do sistema de governo foi colocada à margem. Entre os nomes que pertenciam a essa geração, destaca-se o de Ana Cristina Cesar, que em “Deus na Antecâmara”, proporciona uma visão perturbadora da presença do niilismo na essência do sujeito.

Palavras-chave: *poesia marginal; niilismo; Ana Cristina Cesar; Deus na antecâmara.*

ABSTRACT

In a fragmented world, in which the foundations were overthrown, the faith has been lost and there is no salvation or prospects, the subject will also lose the faith and will, because there is no motivation. The Brazilian years of military dictatorship represents this chaotic time. In them, the literary production that disaccord the government system was sidelined. Among the names that belonged to that generation, to be detached Ana Cristina Cesar, that in *God in the Antechamber*, provides a disturbing view of the presence of nihilism at the essence of the subject.

Keywords: *marginal poetry; nihilism; Ana Cristina Cesar; Deus na antecâmara.*

1. INTRODUÇÃO

A perda da crença nos valores em que o sujeito está inserido leva, conseqüentemente, à desvalorização do próprio sujeito. Se o mundo que o cerca está fragmentado, em ruínas, sem conseguir sustentar a si mesmo, poderá esse sujeito apegar-se a ele para se proteger? A resposta, de acordo com o niilismo de Nietzsche, em que a única coisa na qual se pode ainda acreditar é na completa ausência de valor de tudo o que existe, é negativa.

São horizontes tempestuosos os que circundam a poesia marginal – ditadura militar, repressão a qualquer movimento de oposição, o esfacelamento dos contornos individuais, a sujeição ou a escolha do conflito. É dentro desse contexto caótico de perdas e grandiosas quedas que surge Ana Cristina Cesar, um dos nomes mais significativos da geração marginal, cuja classificação é representativa do meio que oprimia aquilo que não lhe aceitava, numa exclusão que ia desde a produção até a veiculação do material poético.

Um de seus poemas, parte da obra intitulada, em tom confessional, *A Teus Pés*, denominado “Deus na Antecâmara”, foi selecionado para a análise proposta, numa busca pelo niilismo presente na obra de Ana Cristina. Há, nesse poema, uma profunda representação da caracterização niilista – a descrença, o duvidar e questionar para, por fim, extinguir a moral. Há falta de fé, de Deus e de perspectivas. Um homem cujos anseios, sentidos, proteção e verdades foram extintos, um homem nu, que precisa acordar e dar-se conta de sua nudez, esse é o sujeito da poesia marginal.

2. UM MUNDO DE FRAGMENTOS NUNCA FOI OU SERÁ UM TODO

De tempos em tempos, parece que todos os esforços se concatenam para uma mesma direção. Foi assim com o Renascimento, com o Romantismo e com o Modernismo. Êxtase com o excesso de possibilidades. A década de 60 também foi assim, pródiga em grandes acontecimentos que movimentaram a vida de gerações inteiras – a consolidação do poder após as grandes guerras, o mundo dividido entre socialistas e capitalistas. Na América Latina inteira, os Estados Unidos aprofundam sua zona de influência. Impõem, indistintamente, o ‘American way of life’, transformando vidas pela força do imperialismo.

Vivia-se diante de uma verdadeira aversão de que a terceira grande guerra acontecesse a qualquer momento. O mundo segurava-se por uma tênue linha entre a sanidade e o horror, que só a lembrança ou o medo de uma guerra podem trazer. Além disso, aprofundaram-se as diferenças entre os países. Os ricos cada vez mais ricos e os pobres disputando a sobra das grandes potências. São tempos de efervescência. Se o ser humano consegue conquistar o mar da tranquilidade lunar, as divergências terrestres são diversas e propiciadoras do que se convencionou chamar de contracultura. Movimento em que

os jovens norte-americanos expressaram, ao lado dos seus congêneres europeus e também de jovens do Terceiro Mundo, não só a recusa em relação ao *status quo* político e econômico como também às tradicionais formas de relação familiares (CAPELLARI, 2007, p. 13).

Pode-se definir a contracultura como um conjunto de manifestações que repudiaram o modo de viver ocidental e resultou em mudanças sócio-culturais, como a revolução sexual causada pela pílula anticoncepcional; a revolução cultural, com o advento do rock n’roll, entre outras assim chamadas revoluções.

No Brasil, após breve período de governo voltado para o povo – João Goulart – são tempos de ditadura militar, plenamente incentivada e financiada pelos americanos. Território perfeito para a contracultura, uma oposição ao estado de coisas vividas. Um governo que notoriamente exercia o poder tendo como condição básica que o capital hegemônico americano reinasse prioritariamente é como um estopim prestes a ser aceso.

Várias gerações confluem para se tornarem oposição ao regime instalado, várias se chocam contra a força e suas próprias convicções. A luta chega ao labirinto, dois caminhos a seguir: do “sabiá” ou das “flores”. No meio, reinava então “uma ilha de tranquilidade, extremamente atraente para o capital monopolista internacional que aperta os laços da dependência” (HOLLANDA, 1980, p. 90). Tempos de milagre econômico, “passa-se a viver um clima de ufanismo, com o estado construindo seus grandes monumentos, estradas, pontes e obras faraônicas” (idem), enquanto aprofundava-se a desigualdade social.

São esses os tempos de Ana Cristina Cesar. Anos gravados com chumbo em que a contracultura, sem conseguir se instalar de maneira tranquila diante do meio ditatorial, que não aceitava “manifestações coletivas de repúdio ao sistema” (CAPELLARI, 2007, p. 17), teve que se ambientar de outra maneira. Assim, abraçou-se, tornando-se mais “um novo “estilo de vida”, a partir de seus referenciais estéticos e intelectuais introduzidos por intermédio das artes plásticas, da literatura, da música e de jornais alternativos [...]” (idem). Diante das grandes dificuldades de expressão, os grandes festivais de música cantavam, metaforicamente, as dores do mundo. Na década de 70 desenvolve-se uma “cultura de resistência” que “começa a criar novos heróis que se apresentam quixotesicamente como os indivíduos que dizem aquilo que o povo quer dizer, mas se vê impedido” (HOLLANDA, 1980, p. 92) e, continua a autora, criando “nesses espetáculos todo um repertório de truques” para burlar a censura.

Se, por um lado, aprofunda-se a luta contra a ditadura, por outro, percebe-se uma sociedade anestesiada, perdida entre mundos. Imperava então a televisão, que “passa a alcançar um nível de eficiência internacional, fornecendo valores e padrões para um 'país que vai pra frente'” (HOLLANDA, 1980, p. 91). Assim, o governo militar alcançou uma paz armada com “muitos artistas e intelectuais, vivendo um clima de 'vazio cultural'” (idem), sendo cooptados pelo sistema, transigindo, mas produzindo assim mesmo. “Também a universidade é alterada nesse momento. A repressão ao movimento estudantil e a Reforma Universitária tentam assegurá-la como espaço meramente acadêmico de feições tecnocráticas” (idem, p. 93).

Os anos 80 são chamados de “década perdida” (SIMON, 1999, p. 8). Se, enfim, o país se livra da ditadura militar e conquista a liberdade, o poder apenas muda de mãos. Mantêm-se um grande vazio cultural, aprofundam-se os problemas econômicos e, por extensão, sociais. É a década das rádios, e da profunda massificação das televisões, que ditam moda, modos, lançando culturas externas nos rincões brasileiros. De maneira geral é esse ambiente agressivo e pernicioso que vivencia Ana Cristina Cesar, e muito da sua produção espelhará esses impasses. Seu suicídio, em 1983, desceu o pano sobre a sua vida, mas sua obra sobreviveu ao tempo e continua a ser motivo de análises que tentam compreender seu profícuo universo.

3. QUANDO NADA MAIS RESTA, RESTA A VONTADE DE NADA

Em um contexto de esvaziamento e repressão, aqueles que são circundados possuem duas opções bastante diversas – deixar estar e levar-se, adaptando-se às imposições e necessidades do meio repressor, ou ser provocador, ainda que no íntimo, de revoltas que questionem, mesmo que esse comportamento mais inquieto traga consigo consequências não muito positivas. O ser humano é, em suma, representativo de seu tempo e, diante disso, é completamente possível afirmar que, se

isso o é verdadeiramente, o homem passa por um momento de decadência do eu, do desaparecimento do sujeito, da anulação do indivíduo.

Perspectivas tão negras são baseadas, nessa análise, no conceito e fundamentos apresentados por Nietzsche acerca do niilismo. Oliveira (s.d., p. 4) o situa como algo dotado de ambiguidade, pois “se apresenta contemporaneamente como ‘crise’ e como ‘solução’; como ‘revolução’ e como ‘nova ordem’; como o grito ardente de um sentido radical para a vida e como tácito conformismo sócio-cultural”. Ainda que possa aparentar ser confuso, o fenômeno niilista parece corresponder com exatidão ao tempo ao qual nos referimos anteriormente – época de medos, de guerras silenciosas, de ditaduras, de apagamento do sujeito e, vindo desse mesmo sujeito, da necessidade de um movimento que pudesse se opor à total aceitação.

Imerso num contexto de faltas, o homem perde a fé, seja ela nas instituições, em Deus ou em si mesmo. Não há mais desejo de apego à moral, pois essa está relacionada à doutrinação, e isso é justamente aquilo que se nega. Nietzsche (1978, p. 93-94) afirma que “toda moral [...] é um bocado de tirania contra a ‘natureza’ e também contra a ‘razão’ [...]”. Nesse sentido, é oportuno conhecer os tipos de moral de acordo com aquele que os faz:

Há morais que se destinam a justificar perante os outros o seu autor; outras têm por fim acalmá-lo e pô-lo bem disposto consigo próprio; com outras quer crucificar-se e humilhar-se; com outras quer vingar-se, ou esconder-se, ou transfigurar-se e colocar-se nas alturas e distâncias; esta moral serve para o seu autor esquecer, aquela para o autor se fazer esquecer a si ou a algo de si; certo moralista quereria exercer sobre a humanidade o seu poder e o seu capricho criador; outro [...] daria a entender com a sua moral: “o que há de respeitável em mim é o fato de eu saber obedecer – e convosco *deve* passar-se precisamente o mesmo que comigo!” (NIETZSCHE, 1978, p. 93).

Perder a fé significa também perder parte de si, pois os valores e crenças são aspectos bastante subjetivos e decisivos para a constituição do sujeito. O que fazer, então, quando nada do que se acreditou verdade, e se defendeu como tal, corresponde ao verdadeiro sentido de mundo real? É bem possível que, sem respostas para tal pergunta, o homem se encontrasse perdido, sem caracterização imediata e de fácil reconhecimento. Em um mundo em que a realidade não mais se parece com o que se acreditava como realidade, é justificável que se perca o desejo de vida, que se negue a vida, no fim mais por desejá-la ardentemente.

Afinal, um mundo fragmentado pressupõe um sujeito também fragmentado – um indivíduo deslocado, porque perdeu o chão sob os pés sem que estivesse preparado para isso. Um sujeito anulado por seu contexto procura, obviamente, maneiras de se adaptar ou de tensionar este admirável mundo novo, de novos olhos e novas ordens. Abrir os olhos, por vontade ou à revelia, é receber da realidade mais luz do que pode suportar visões adestradas. Ser violentado pelo homem causa ao homem o maior mal-estar, e se não há mais paraísos, não há Deus nem compensações, o que há de positivo para se apegar?

Ora, foi a *moral* que protegeu a vida do desespero e do salto no nada, naqueles homens e classes que foram violentados e oprimidos por homens: pois é a impotência contra homens, não a impotência contra a natureza, que gera a mais desesperada amargura contra a existência (NIETZSCHE, 1983, p. 384).

Há, em *Para além do bem e do mal*, um questionamento interessante de Nietzsche, acerca de Schopenhauer, que nos parece bastante cabível: “[...] um pessimista, um negador de Deus e do mundo que pára em frente da moral – que diz sim à moral e toca flauta para acompanhar [...]: será ele, no fundo – um pessimista?” (NIETZSCHE, 1978, p. 93). O homem situado nos anos de uma ditadura deve ou calar-se para não ser punido ou levantar a voz, como se à espera de algo que viesse castigá-lo ou libertá-lo. Em ambas as situações não há fé, não há perspectiva. É, nesse momento, que se vê o niilismo mais presente, pois

[...] é então o tomar-consciência do longo desperdício de força, o tormento do “em vão”, a insegurança, a falta de ocasião para se recrear de algum modo, de ainda repousar sobre algo – a vergonha de si mesmo, como quem se tivesse enganado por demasiado tempo [...] (NIETZSCHE, 1983, pg. 380).

Enganado, pois foi levado, por toda a vida, a crer em um mundo sustentado por falsas verdades. Não haverá paz de espírito. Haverá mesmo espírito? Há um furto de tudo aquilo em que se acreditava como certo, e tomar consciência disso não é, de modo algum, tarefa fácil, que não exija grandes esforços. Diante de tal cenário, vale seguir vivendo? Talvez não, pois mesmo a liberdade, bem tão precioso e digno de anseios profundos, é algo que, se observado com veemência, não existe. Tem a vida sentido? Ou o melhor é entregar-se, deixando-se levar, sem gastos desnecessários de energia, visto que “[...] custa cem vezes mais cansaço, mais cautela, levar avante uma existência tão condicionada, tão tardia” (NIETZSCHE, 1983, pg. 339). Melhor seria, então, desistir da vida? Seria esse o único modo de ser, em verdade, livre?

Pois o que é liberdade? Ter a vontade de responsabilidade própria. Manter firme a distância que nos separa. Tornar-se indiferente a cansaço, dureza, privação, e mesmo à vida. Estar pronto a sacrificar à sua causa seres humanos, sem excluir a si próprio (NIETZSCHE, 1983, p. 341).

Camus (1978, p. 65), acerca desse sacrifício de si e de outros, ao falar do niilismo e de Nietzsche, nos diz que este último, ao tomar consciência do apocalipse para o qual a humanidade vendada caminhava, fez sofrer primeiro, e talvez de maneira mais dura, a si mesmo – “diagnosticó en sí mismo y en los otros la imposibilidad de creer y la desaparición del fundamento primitivo de toda su fe, es decir, la creencia en la vida”. Já que a esfera da vida não é aquilo que se acreditava ser, pode o ser humano chamar a si de tolo, pode o homem ofender as verdades e crenças, pode o ser humano, desanimado de tantas buscas, por fim, negar. E o niilismo surge, então, como a negação total.

O sentimento niilista nada busca ou almeja, pois “[...] um alvo é sempre um sentido ainda. [...] com o vir-a-ser *nada* é alvejado, *nada* é alcançado...” (NIETZSCHE, 1983, p. 380). Para esse ser humano, que se vê caótico e abandonado num mundo que rui, não há mais sentido algum. Não existe mais um todo que lhe seja maior, não há algo a defender ou algo pelo qual os sacrifícios sejam legítimos, não há valores incorruptos aos quais se apegar, não há crença em si e nos seus chamados semelhantes – se nada disso existe, como poderá esse homem acreditar que é uma parte realmente valorosa da existência?

Há tonantes não – a falta de coisas maiores e universais em que acreditar, que justifiquem as dores, a descrença em seu próprio valor e a descoberta da inexistência de um mundo metafísico, porque “admita-se a realidade do vir-a-ser como *única* realidade, proíbe-se a si toda espécie de via dissimulada que leve a ultramundos e falsas divindades – mas *não se suporta esse mundo, que já não se pode negar...*” (NIETZSCHE, 1983, p. 381). Como será possível ao homem resistir à descoberta dos destroços por trás das cortinas de sua suposta realidade?

[...] falta a unidade abrangente na pluralidade do acontecer: o caráter da existência não é “verdadeiro”, é falso... não se tem absolutamente mais nenhum fundamento para se persuadir de um verdadeiro mundo... Em suma: as categorias “fim”, “unidade”, “ser”, com as quais tínhamos imposto ao mundo um valor, foram outra vez retiradas por nós – e agora o mundo parece sem valor... (NIETZSCHE, 1983, p. 381).

4. DEUS NA ANTECÂMARA – AS VEIAS DO NILISMO NA POESIA DE ANA CRISTINA CESAR

Cronológica e didaticamente, Ana Cristina Cesar pertence à geração chamada marginal. Imprensada entre o rescaldo do Modernismo e a força de um combativo Concretismo, a poesia marginal “reivindicava uma ruptura com os valores literários em voga — de imediato, com o ascetismo formal e existencial das vanguardas construtivas — em nome da experiência e do comportamento” (SIMON; DANTAS, 1985, p. 2). Uma das características fundamentais dessa poesia era sua intenção de burlar as imposições de um mercado elitista e estagnado, intentando criar novos canais de circulação através da “afirmação de um espaço alternativo, independente, de produção/consumo que, por oposição ao circuito editorial comercial, enfatizava os aspectos artesanais da feitura, distribuição e divulgação da poesia” (idem, p. 5). Não era uma estratégia pensada, surgiu por uma imposição do tempo em que se vivia então.

Para além do artesanal, a poesia marginal sempre foi muito criticada pelo seu excesso de presença do autor. Uma re-subjetivação poética em que

[...] há elaboração, involuntária ou não, pois a representação dispõe *formalmente* seus elementos: o registro confessional e biográfico, a anotação irreverente do cotidiano, a nota bruta do sentimento, da sensação, do fortuito, são soluções poéticas que acabam impondo um *padrão informal e*

antiliterário de estilização. Seus traços recorrentes são facilmente reconhecíveis: a coloquialidade, a despreensão temática, a relação conversacional com o leitor, o humor, a cotidianização da metáfora extravagante, a simplicidade sintática e vocabular, recursos que, por sua vez, não ignoram a simultaneidade, a colagem, a elipse, a brevidade (SIMON; DANTAS, 1985, p. 7).

Essas características, longe de significarem uma diminuição do nível poético, lançam luz sobre uma problemática maior da época: o sujeito fragmentado, emparedado, prisioneiro do tempo, da ação desordenada em busca de uma saída, da falta de ação, das mudanças sistemáticas nas grandes trocas sociais, vivendo uma contracultura às avessas. Eram grandes as possibilidades de que um tempo tão ambíguo impregnasse toda uma geração, e assim o fez.

A constante necessidade de se afirmar é prova de que não há nesse sujeito nenhuma segurança acerca de si mesmo. É preciso que seja íntimo, para que lhe seja seu. Mas esse aspecto tão singular e individual que se tornou característica do período marginal tornou-se, para grande parte, mecanismo de defesa e de repetição de fórmulas, visto não existir nada a criar.

A consequência *niilista* (a crença na ausência de valor) como decorrência da estimativa moral de valor: *perdemos o gosto pelo egoístico* (mesmo depois da compreensão da impossibilidade do não-egoístico); - *perdemos o gosto pelo necessário* (mesmo depois da impossibilidade de um *liberum arbitrium* e de uma “liberdade inteligível”). Vemos que não alcançamos a esfera em que pusemos nossos valores – com isso a outra esfera, em que vivemos, *de nenhum modo ainda ganhou em valor*: ao contrário, estamos *cansados*, porque perdemos o estímulo principal. “*Foi em vão até agora!*” (NIETZSCHE, 1983, p. 380)

Toda essa “desqualificação literária supunha, sem que houvesse concretude desta suposição, deixar à mostra a vitalidade do sujeito e o depoimento da experiência que, segundo se dizia, haviam sido banidos da poesia brasileira [...]” (SIMON; DANTAS, 1985, p. 7), mas, na poética de Ana Cristina Cesar, o que se percebe é um grito vazio, vontade de nada, um niilismo embrionário e poderoso, a demonstração de “um estado geral da sensibilidade contemporânea” (idem, p. 9), como se pode perceber no poema abaixo:

Deus na Antecâmara

Mereço (merecemos, meretrizes)
perdão (perdoai-nos, patres conscripti)
socorro (correi, valei-nos, santos perdidos)

Eu quero me livrar desta poesia infecta
beijar mãos sem elos sem tinturas
consciências soltas pelos ventos
desatando o culto das antecências
sem medo de dedos de dados de dúvidas
em prontidão sanguinária

(sangue e amor se aconchegando
hora atrás de hora)

Eu quero pensar ao apalpar
eu quero dizer ao conviver
eu quero partir ao repartir

filho
pai
e
fogo
DE-LI-BE-RA-DA-MEN-TE
abertos ao tudo inteiro
maiores que o todo nosso
em nós (com a gente) se dando

HOMEM: ACORDA! (CESAR, 1984, p. 24-25)

O niilismo é a representação final de um mundo em que, em verdade, nada tem existência sincera e livre. Mesmo a liberdade é, com pesar, descoberta como inexistente. Os valores religiosos, a moral cristã e seus dogmas parecem apenas instrumentos de controle, através dos quais se pode justificar que haja dor, pois haverá também, num mundo metafísico, a compensação. Diante dessa perspectiva, da queda do que era sólido até então, é desejável que, santos (sejam eles perdidos, corrompidos ou não) ou putas, todos sejam perdoados. Talvez pela estupidez de se deixarem enganar, pois, conforme as idéias de Nietzsche (1977, p. 234), “‘querer a verdade’ não significa, portanto, ‘não querer deixar-se enganar’, mas - e não há outra escolha - ‘não querer enganar os outros nem a si próprio’ [...]”. Não há perdão verdadeiro, porque não há a quem pedir perdão.

As menções à religiosidade presentes no poema de Ana Cristina são claras já no título – um Deus na antecâmara é um Deus posto à prova. É um Deus que não está, como deveria estar, de acordo com o que nos foi ensinado, em todos os lugares. Não se trata mais de um Deus onipresente, é, sim, falho. A quem perdoar? Se não há mais um paraíso para os bons, se não se sabe mais o que é realmente bom, por que perdão? A ironia deste pedido reside na aparente submissão do sujeito por redenção para seus erros – vale ressaltar que o contexto desse sujeito também não possui mais caracterização e, portanto, erros e acertos não indicam mais perdição ou salvação eterna – não há nada, e isto é a única coisa real a que esse sujeito deve se apegar. Será mesmo que esse pedido de socorro é real?

Livrar-se da infecção não é, de modo algum, tarefa possível se analisarmos que tudo está infectado. Inclusive esse eu que se inquieta e parece dotado de inconformismo. A consciência solta, que desata as antedecências pode ser compreendida, enfim, com a descoberta da verdade sobre a existência real das coisas, o que, segundo Nietzsche (1983, p. 381), só ocorreria por causa da “crença nas categorias da razão”. A razão real levou o sujeito a perceber que nada existe, a não ser a certeza de que nada existe. A consciência, o conhecer a verdade, o entrar em contato com essa perspectiva niilista é, certamente, algo que fez ruir tudo o que lhe antecedia no tempo e na compreensão humana.

Como não há mais espera, nem punições e condenações, o que se tem é a ausência do medo dessas coisas, tão mais doutrinadoras ao homem do que o chicote, não é preciso se importar com o julgamento dos dedos em riste dos juízes, sejam humanos ou divinos, não é preciso temer as dúvidas que antes consumiam, visto a falta de respostas e mesmo de perguntas a buscar. Como não fazer desse sujeito apenas um adereço na existência? É algo que certamente se quer evitar e, por isso, justifica-se o tom de extrema personalidade – há mesmo nesse eu certas vontades, que parecem defendê-lo da anulação total pelo nada –, “apalpar”, “conviver”, “repartir”, são todas ações que indicam, e exigem, contato.

O contato poderia, em seu entender, salvá-lo da anulação. “Quando se vive só, não se fala muito alto, não se escreve também muito alto: receia-se o eco, o vazio do eco, a crítica da ninfa Eco. A solidão modifica as vozes” (NIETZSCHE, 1977, p. 164). Ser capaz de identificação, possuir limites que lhe delimitem, o que só pode ser possível quando se está em meio a outros, surgem como tentativas de evitar o apagamento total e arbitrário de si mesmo. No entanto, é pertinente questionar se esse sujeito terá vontade (e, por consequência, um ideal) suficiente para o enfrentamento ou será mais adequado, e mais confortável, deixar-se estar por aí.

É válido ressaltar que, embora as ações “apalpar”, “conviver” e “repartir” sejam mencionadas e vistas como segurança, os enunciados que lhes antecedem são contraditórios – apalpar não exige nenhum esforço de reflexão ou pensamento – é contato, é a presença do outro, e, portanto exige que haja um outro, o que não é necessário ao pensamento. Conviver não implica em dizer, pois o convívio com o outro, existente e necessário, anseia que se calem as palavras e críticas em nome de uma coexistência pacífica, dizer não é o mais importante. O mais importante é saber calar. Já no terceiro enunciado da estrofe, o verbo “partir” pode significar tanto quebrar quanto ir embora – em ambos, não há repartição igualitária de si, pois, se há quebra, o todo se perdeu e não possui mais a mesma valoração, se há partida, o sujeito leva consigo parte do que se devia repartir, e a doação não é completa.

Na penúltima estrofe é possível perceber um jogo lúdico e mordaz com o significativo dogma cristão da Santíssima Trindade - Pai, Filho e Espírito Santo –, o filho, considerado menor em importância, é mencionado primeiro, em letras minúsculas, o que demonstra a sua perda de valor. O pai é apenas o segundo elemento, abaixo de seu filho, que, numa comparação com Jesus Cristo, é humano e, por conseguinte, falho e corruptível. A humanidade vence, então, a grandeza da imortalidade para, no fim, ser consumida pelo fogo. O fogo que, para os cristãos, purifica a alma, e corresponde a um bom castigo para os homens sem fé. Homens como esse sujeito, agora descrente e perdido, pois não sabe mais a que se apegar, já que é “um animal desconfiado: e o mundo não vale aquilo em que acreditamos, é mais ou menos a mais segura verdade que a nossa desconfiança acabou por aprender” (NIETZSCHE, 1977, p. 238).

No final, os três alicerces, os três julgadores, são indignos de confiança, são quebrantados e sem valor, assim como todas as outras coisas, assim como o próprio sujeito. Tudo o que se acreditava existir está destruído pela crença em sua existência, pela obediência servil e compreensão das justificativas mais tolas e absurdas.

Resultado final: todos os valores com os quais até agora procuramos tornar o mundo estimável para nós e afinal, justamente com eles, o *desvaloramos*, quando eles se demonstram inaplicáveis – todos esses valores são, do ponto de vista psicológico, resultados de determinadas perspectivas de utilidade para a manutenção e intensificação de formações humanas de dominação: e apenas falsamente *projetados* na essência das coisas. É sempre ainda a *hiperbólica ingenuidade* do homem: colocar a si mesmo como sentido e medida do valor das coisas (NIETZSCHE, 1983, p. 381).

O niilismo é a dor e a alegria da descoberta, diante do que o homem precisa apenas, e isso lhe exigirá a maior força possível, acordar – gesto simples, mas representativo do maior esforço – acordar é abrir os olhos e ver. O que se verá é que, de modo ambíguo, será positivo, visto ser verdade, mas aterrorizante, visto ser nada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem trava uma queda de braço secular com o mundo que o rodeia. Embate em que parece estar sempre perdendo. Engessada, assim apresenta-se a humanidade como um todo. Não existe escapatória, o que se espera da maioria é que compactue com a sacralidade das leis dos homens. Crer é o verbo. O sujeito incrédulo se farta de ser isolado, atacado, doutrinado. Numa época sem sobressaltos, o homem até consegue enfrentar as pesadas estruturas que o rodeiam, em tempos difíceis, não. Em todos os momentos que o ser humano viu-se frente a frente com o desconhecido, atado a um destino universal, sua finitude é posta à prova, ele sente o mundo pesar às suas costas e estremece.

Ana Cristina Cesar vivenciou isso na pele. Vinha de uma geração que cresceu entre utopias e realidades diversas. O sonho estava sempre acabando e recomeçando com novo nome. Existir durante uma ditadura militar, presenciar amigos desaparecendo, morrendo, se calando, capitulando, pegando em armas, eis um caminho seguro para a náusea do mundo. Quando os pilares do que se acredita desabam, levam consigo todas as considerações possíveis.

E, ao mencionarmos pilares, nos referimos a Deus, o maior de todos os sustentáculos da humanidade (e de seu servilismo), à moral (doutrinadora e artificial), aos sistemas de governo (corruptos, castradores e hipócritas) e ao próprio homem como ele se concebia. Diante disso, o que temos é um sujeito confrontado com a única verdade possível – a de que nada do que acreditamos como concreto e certo existe em verdade, nem mesmo o sujeito completo. É então que esse

composto de fragmentos, de corpos estranhos ao que conhecia como o seu, que o nosso homem sem fé abre os olhos e vê que, agora, a única vontade é a vontade de nada.

Assim, a poética desse tempo nasce dentro de um labirinto. O nome é significativo da valoração vigente: “poesia marginal”, que é aquilo relativo à margem, aquele que se situa no extremo, no limite, na periferia; ou na periferia da consciência. Marginal são aqueles que desconsideram costumes e valores, leis e normas ou é aquilo que é comercializado com pouco lucro. Todos os significados condizentes com a poesia de Ana C.

REFERÊNCIAS

CESAR, Ana Cristina. *Crítica e Tradução*. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *A teus pés*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CAMUS, Albert. *El hombre rebelde*. Tradução de Luíz Echavárri. Buenos Aires: Losada S.A., 1978.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel. São Paulo: USP, 2007. Disponível em < www.teses.usp.br/.../TESE_MARCOS_ALEXANDRE_CAPELLARI.pdf >. Acesso em 05 jan 2011.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Versão 2.0. São Paulo: Objetiva, 2007.

HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *26 poetas hoje*. 4. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

_____. *Impressões de Viagem*: CPC, Vanguarda e Desbunde: 1960/1970. São Paulo: Brasiliense, 1980.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Alfredo Margarido. 2. ed. Lisboa: Guimarães & Cia. Editores, 1977.

_____. *Para Além do Bem e do Mal*. Tradução de Hermann Pflüger. Lisboa: Guimarães & Cia. Editores, 1978.

_____. *Obras Incompletas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. Considerações sobre o niilismo em Nietzsche. Revista em Foco em Educação e Filosofia. Vol. 1. p. 56 – 65. Disponível em < www.educacaoefilosofia.uema.br/v1/6.doc >. Acesso em 15 fev 2011.

SIMON, Iumna. M. Considerações sobre a poesia brasileira em fim de século. *Novos Estudos CEBRAP*, nº 35, novembro de 1999. Texto impresso.

SIMON, Iumna M.; DANTAS, Vinícius. Poesia Ruim, Sociedade Pior. *Novos Estudos CEBRAP*, nº 12, junho de 1985. Texto impresso.